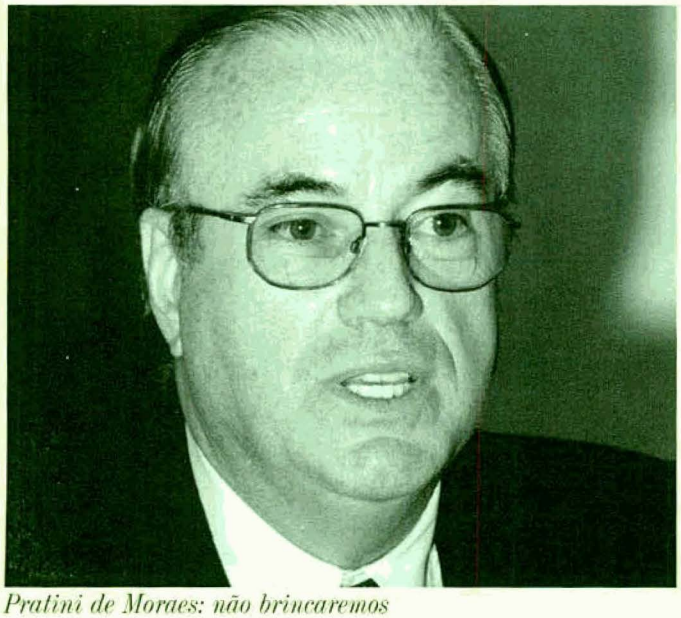
ABRE *aspas:*

A comitiva brasileira não acalentava grandes ilusões sobre a reunião de Seattle, que deveria abrir as negociações da Rodada do Milênio mas acabou atropelada por manifestações de organizações não-governamentais, estimuladas pelo próprio governo norte-americano antes de perder o controle e mostrar que a Organização Mundial do Comércio perdeu o ano, no que diz respeito às negociações multilaterais na área agrícola. Esse, o saldo apurado pelo ministro da Agricultura, Marcos Vinícius Pratini de Moraes, que aposta nas negociações bilaterais e nos acordos sanitários como saída para o agronegócio brasileiro. Ainda no balanço de Seattle, ele revê posições, afirma que é preciso repensar o Mercosul e, se os norte-americanos estiverem dispostos a proporcionar certas aberturas, declara-se pronto a partir para uma negociação com os Estados Unidos e antecipar o Nafta. Ao mesmo tempo, ameaça com retaliação os países, principalmente europeus, que impuserem restrições ou o acesso a mercados. O Brasil, afirma, não será apenas exportador de commodities, *mas também de produtos com valor agregado.*

Ano perdido

POR BETH FERNANDES



Pratini de Moraes: não brincaremos

❑ *O fracasso do que se esperava viesse a ser o início das negociações da Rodada do Milênio surpreendeu. Qual era o estado de espírito da comitiva brasileira ao embarcar para os EUA?*

— Nunca alimentamos grandes ilusões sobre a eficácia de negociações multilaterais na área da agricultura. Saímos com nosso programa, prioridades, uma ação articulada, mas sem ilusões. Verificamos, logo de saída, que na área agrícola tínhamos problemas insuperáveis – nós, posições muito firmes contra a multifuncionalidade, e a comunidade européia extremamente firme. Fiz um discurso dizendo que era inaceitável manter os atuais programas de incentivo à agricultura, porque poderia ser um guarda-chuva, um cheque em branco aos europeus.

A reunião serviu para deixarmos claro que o Brasil, de agora em diante, só vai importar produto agrícola de país que permitir reciprocidade. Também, para afirmar que nossa estratégia de negociação para produtos do agronegócio tem que dar prioridade às negociações bilaterais e aos acordos sanitários. É o tomalá-dá-cá e não brincaremos.

❑ *O* Jornal do Brasil *publicou que o Brasil começa a mudar de postura como importador de alimentos e que o sr. quer mais rigor...*

— É isso mesmo. Agora só vamos permitir a importação estabelecendo por onde pode entrar o produto, de forma a melhorar os mecanismos de fiscalização e inspeção. As próximas liberações serão restritas à entrada apenas por um ou dois portos, que terão pessoal treinado, equipamento. Isso criará uma disciplina com o objetivo de assegurar ao consumidor produtos de melhor qualidade.

❑ *A reunião de Seattle propunha-se a ser o palco das decisões sobre a agenda da Rodada do Milênio, que deveria durar três anos. Como fica, agora, o calendário?*

— Na verdade, a reunião não foi encerrada, ficou inconclusa e prossegue em Genebra, ainda não sabemos quando. Mas não tenho dúvidas de que este ano é praticamente perdido para as negociações multilaterais, principalmente no que diz respeito à agricultura. Não acredito que vá acontecer nada, no curto prazo, que mude este cenário.

❑ *O pífio resultado de Seattle atropelou os planos de diversos setores econômicos brasileiros. O sr. poderia nos indicar, além da agropecuária, outros ramos para os quais foram especialmente daninhos os acontecimentos?*

— Eu não sei se dá para dizer que o setor agropecuário brasileiro foi prejudicado, porque na medida em que se prosseguir nas negociações bilaterais, e com nosso esforço de melhoria fitozoossanitária, vamos chegar aos nossos objetivos. Seria mais fácil se houvesse abertura, mas se não for possível ser obtida em nível global, que o seja em nível bilateral.

❑ *No caso da agropecuária, o que se viu foi o endurecimento das posições protecionistas, o que torna o cenário do comércio*

exterior muito mais difícil. Como o Ministério das Relações Exteriores poderá contribuir nesse quadro?

— Temos trabalhado em estreita articulação com o Itamaraty. Inclusive as embaixadas nos vêm ajudando – agora mesmo estamos trabalhando com as embaixadas em Bruxelas (União Européia), Pequim, Washington, em temas bilaterais específicos. É uma posição de governo, embora haja quem dissesse, em determinado momento, que não o era.

❑ *A manifestação das ONGs, em Seattle, parece ter surpreendido a todos. O Itamaraty tinha alguma informação a respeito?*

— Acho que o governo americano quis dar demonstração de democracia, só que Seattle não teve como organizar as manifestações e o que seria pacífico se transformou numa grande baderna.

❑ *O sr. concorda, então, com a versão segundo a qual a manifestação foi orquestrada pelo próprio governo norte-americano que acabou perdendo o controle?*

— O que aconteceu foi isso, o governo estimulou, mas a cidade não soube coordenar. A coisa foi muito maior do que esperavam. Ficou muito ruim para a OMC, porque mostrou que a reunião não teve preparo; ficou ruim para os norte-americanos, porque a presidente era dos EUA e foi preciso chamar a guarda nacional.

❑ *O governador do Rio Grande do Sul afirmou que as manifestações "mostram que o modelo neoliberal está esgotado". Isso faz sentido?*

— Eu não sei o que é modelo neoliberal. Acho que rótulos se podem colocar para qualquer coisa, mas sou um pragmático: não fico discutindo rótulos. Entendo que o multilateralismo e a OMC sofreram um golpe muito grande e agora vamos ter que partir para outras soluções.

❑ *Há, ainda, a interpretação de que as manifestações foram em defesa dos interesses dos excluídos pela globalização.*

— O que quer dizer globalização? Acho que o Brasil não pode abrir mais a sua economia; já abriu atrasado, abriu demais e agora tem que abrir mercado. Globalização não existe. O que existe, neste século, é a revolução da tecnologia da informação, que gerou uma série de mudanças radicais nos sistemas e nas funções produtivas. Primeiro, estimulou um brutal crescimento na produtividade da agricultura; segundo, inovou brutalmente todos os mecanismos de logística de toda atividade produtiva; terceiro, criou todo um setor de serviços, o de informática, que é o grande gerador de empregos e de tecnologia, inclusive no Brasil; e, finalmente, modificou muito os mecanismos de comércio interno e internacional. Proporcionou uma grande redução dos estoques, o *just in time*; uma verdadeira revolução nos sistemas de correio, outra revolução nos sistemas de transportes; e, ainda, uma mudança radical nos sistemas de compras, agora por computador, e outra no sistema de pagamentos. O que quer dizer isso? Uma brutal redução nos custos. Isso quer dizer que mudou o mundo e não se pode ser contra. O problema é que muitos governantes não têm sabido usar a tecnologia da informação em benefício do povo. O Brasil deu uma demonstração de que não soube usar com aquela lei de informática que nos atrasou pelo menos 10 anos. Acabamos pagando um preço altíssimo e essa foi uma das razões que nos forçou a uma abertura muito maior e com muito mais velocidade.

❑ *Quais as principais lições de Seattle?*

— A primeira é que multilateralismo na agricultura não funciona; segundo, a OMC precisa ser reformulada; e terceiro, precisamos defender nossos interesses cada vez mais no nível setorial, de produto e bilateral. Isso também envolve negociações entre blocos. Outra das lições de Seattle é que vamos ter que repensar o Mercosul e partir para uma negociação com os Estados Unidos. Se os norte-americanos estiverem dispostos a nos proporcionar certas aberturas, por que não antecipar o Nafta?

Os europeus mandam ONGs para cá estudar a pobreza do Nordeste; minha sugestão é que mandem uma para estudar os efeitos dos subsídios agrícolas europeus para o açúcar, que são uma das causas da miséria do Nordeste. É uma postura hipócrita.

❑ *A Europa já deixou claro que não concorda em rever seus sistemas de proteção à agricultura. Ou seja, isso só ocorrerá em troca de muitas concessões. O sr. continua acreditando estar correta a estratégia brasileira em impor aos europeus a idéia da abertura de mercados?*

— Vai ser difícil a Europa vender aqui. Eu não me surpreenderia se daqui a pouco alguns produtos importados de lá forem excluídos da nossa pauta.

❑ *Outra questão levantada em Seattle foi a do trabalho infantil.*

— Algumas proposições não podemos aceitar, porque o Brasil é um país em desenvolvimento que ainda apresenta grandes distorções, mas que são muito menores do que eram há cinco anos e que daqui a 10 anos serão menores ainda. O que não se pode pretender é usar os parâmetros europeus. Eu diria o seguinte: os europeus mandam ONGs para cá estudar a pobreza do Nordeste; a minha sugestão é que mandem uma ONG para estudar os efeitos dos subsídios agrícolas europeus para o açúcar, que são uma das causas da miséria do Nordeste. É uma postura hipócrita.

A agricultura brasileira vai ser a maior do mundo em 10 anos e o mundo precisa do agronegócio brasileiro, que não vai ser apenas exportador de *commodities* que eles querem comprar. Podemos vender *commodities*, mas vamos vender também produtos com maior valor agregado e fazer o dever de casa para ter as condições de qualidade e de certificação exigidas pelo mercado mundial. Coisa que eles não têm hoje lá, leia-se a vaca louca, leia-se o problema de dioxina na Bélgica.

❑ *E a questão da rastreabilidade dos produtos?*

— Neste momento, estão em execução, na região da fruticultura irrigada, 800 experimentos de análise da cadeia produtiva de frutas, para dentro de dois anos podermos oferecer um selo de qualidade. No caso da carne, a rastreabilidade é feita através da análise de risco, principalmente quanto à aftosa; estamos fazendo um trabalho muito consistente quanto à peste suína clássica.

O grande desafio que temos hoje é *marketing* e logística. Precisamos desenvolver o *marketing* internacional do agronegócio brasileiro para podermos colocar nossos produtos nas prateleiras dos compradores com preço e qualidade competitivos.